

COMO SE AVISAR-SE?



O SALTO
para a VIDA...

PORQUÊ...



A alegria de ACREDITAR

A RECONCILIAÇÃO E A BELEZA DE DEUS...

A palavra de Bruno Forte

Procuremos entender juntos **o que é a Confissão**: se o compreender de verdade, amigo leitor, com a mente e o coração, sentirás a necessidade e a alegria de fazer a experiência desse encontro, no qual Deus, dando-nos o seu perdão através do ministro da Igreja, cria em ti um coração novo, coloca em ti um Espírito novo, para que possas viver a vida reconciliado com Ele, contigo mesmo e com os outros, tornando-te então capaz de perdoar e de amar para além de toda e qualquer tentação de desconfiança e de qualquer grau de cansaço.

1. Porquê confessar-se?

Entre as muitas perguntas que são colocadas ao meu coração de Bispo, escolho esta que amiúde me foi feita: **porque temos de nos confessar?** É uma pergunta que ocorre de muitos modos: porque é que devemos ir ter com um sacerdote para confessar os nossos pecados e não podemos fazê-lo directamente a Deus, o qual conhece e compreende melhor do que qualquer outro interlocutor humano? E ainda mais radicalmente: porque é que devo falar dos meus assuntos, sobretudo daqueles que me causam vergonha a mim mesmo, a alguém que é pecador como eu e que porventura avalia num modo completamente diverso do meu aquilo de que eu fiz experiência ou não compreende de modo nenhum? Que é que ele sabe que é pecado para mim? E alguns acrescentam: e depois, o pecado existe mesmo, ou é só uma invenção dos Padres para que nos manterem na obediência? A esta última pergunta sinto o dever de poder responder imediatamente e sem receio de ser desmentido: **o pecado existe, e não só é um mal, mas causa o mal.** Basta olhar para a cena quotidiana do mundo, onde violências, guerras, injustiças, dominações, egoísmos, ciúmes e vinganças abundam (um exemplo deste «boletim de guerra» é-nos oferecido todos os dias pelas notícias nos jornais, da rádio, televisão e Internet). Quem acredita no amor de Deus, então, compreende que o pecado é amor dirigido

para si mesmo (*amor curvus*, «amor curvo», diziam as pessoas na Idade Média), ingratidão de quem corresponde ao amor com a indiferença e a recusa. Esta recusa tem consequências, não só para quem a vive, mas também para a humanidade inteira, até produzir condicionamentos e enredos de egoísmos e de violências que constituem verdadeiras e próprias «estruturas de pecado» (pense-se nas injustiças sociais, na desigualdade entre Países ricos e Países pobres, no escândalo da fome no mundo...). Precisamente por isto não devemos deixar de sublinhar como é grande a tragédia do pecado e como a perda de sentido do pecado – bem diverso daquela doença da alma a que chamados «sentido de culpa» – enfraqueça o coração diante do espectáculo do mal e das seduções de Satanás, o Adversário que procura separar-nos de Deus.

2. A experiência do perdão

Apesar de tudo, todavia, não me atrevo a dizer que o mundo é mau e que fazer o bem é inútil. Estou, pelo contrário, convencido de que o bem existe e é superior ao mal, que a vida é bela e que viver rectamente, por amor e com amor, vale verdadeiramente a pena. A razão profunda que me faz pensar assim é a experiência da misericórdia de Deus, que faço em mim próprio e que vejo resplandecer em muitas pessoas humildes: é uma experiência que vivi muitas vezes, quer concedendo o perdão como ministro da Igreja, quer recebendo-o. Há muitos anos que me confesso regularmente, várias vezes por mês, e com alegria o faço. A alegria nasce do facto de me sentir amado num modo sempre novo por Deus, todas as vezes que o seu perdão me é concedido pelo sacerdote que age em seu nome. É a alegria que vi tantas vezes no rosto de quem vinha confessar-se: não o fútil sentido de leviandade de quem «despejou o saco» (a confissão não é um desabafo psicológico nem um encontro consolatório, ou pelo menos não o é principalmente), mas a paz de sentir-se bem «por dentro», tocados no coração por um amor que cura, que vem do

alto e que nos transforma. **Pedir com convicção, receber com gratidão e dar com generosidade o perdão, é fonte de uma paz sem preço: por isso é justo e é belo confessar-se.** Queria tornar participantes das razões dessa alegria todos aqueles que conseguir alcançar com esta Carta.

3. Confessar-se a um Sacerdote?

Perguntam-me então: **porque é que é preciso confessarmos a um sacerdote os nossos pecados e não se pode falar directamente a Deus?** Com certeza, é sempre a Deus que nos dirigimos quando confessamos os nossos pecados. Mas é o próprio Deus que nos faz entender que é necessário fazê-lo a um sacerdote: escolhendo enviar o seu Filho na nossa carne, Ele demonstra querer encontrar-Se connosco mediante um contacto directo, que passa através dos sinais e das linguagens da nossa condição humana. Como Ele saiu de Si mesmo por nosso amor e veio «tocar-nos» com a sua carne, assim nós somos chamados a sair de nós mesmos por seu amor e ir com humildade e fé ter com quem pode dar-nos o perdão em seu nome mediante a palavra e o gesto. Somente a absolvição dos pecados, que o sacerdote nos dá no Sacramento, pode comunicar-nos a certeza interior de sermos verdadeiramente perdoados e acolhidos pelo Pai que está nos Céus, porque Cristo confiou ao ministério da Igreja o poder de ligar e desligar, de excluir e de admitir na comunidade da aliança (cf. Mt 18, 17). É Ele que, ressuscitado da morte, disse aos Apóstolos: «Recebei o Espírito Santo; os pecados daqueles a quem perdoardes, serão perdoados. Os pecados daqueles a quem não perdoardes, não serão perdoados» (Jo 20, 22s). Por isso, confessar-se a um Sacerdote é completamente diferente do que fazê-lo no íntimo do coração, exposto a tantas inseguranças e ambiguidades que povoam a vida e a História. Sozinhos não poderemos jamais saber verdadeiramente se foi a graça de Deus que nos tocou ou a nossa emoção, se fomos nós que nos perdoámos a nós mesmos, ou se foi Ele pelo meio que Ele mesmo

escolheu. Absolvidos por alguém que o Senhor escolheu e enviou como ministro do perdão, poderemos experimentar a liberdade que só Deus concede, e compreenderemos porque é que a confissão é fonte de paz.

4. Um Deus que está perto da nossa fraqueza

A confissão é, portanto, o encontro com o perdão divino, que nos é oferecido em Jesus e que nos foi transmitido mediante o ministério da Igreja. Neste sinal eficaz da graça, um encontro com a misericórdia infinita, é-nos oferecido o rosto de um Deus que conhece como ninguém a nossa condição humana e se aproxima dela com um amor cheio de ternura. Mostram-no-lo inúmeros episódios da vida de Jesus, como o encontro com a Samaritana, a cura do paralisado, o perdão da mulher adúltera e as lágrimas de Cristo diante da morte do amigo Lázaro... Todos nós precisamos desta proximidade terna e compassiva de Deus, como o demonstra um simples olhar para a nossa vida: cada um de nós convive com a sua própria fraqueza, sofre as enfermidades, aproxima-se da morte, nota o desafio que tudo isto desperta no coração. Por mais que possamos desejar o bem, a fragilidade que nos caracteriza a todos expõe-nos continuamente ao risco da tentação. O Apóstolo Paulo descreveu com precisão esta experiência: «O querer o bem está em mim, mas não sou capaz de fazê-lo. Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero» (Rm 7, 18s). É o conflito interior de que nasce a invocação: «Quem me libertará deste corpo de morte?» (Rm 7, 24). A ele responde especialmente o Sacramento do Perdão, que vem socorrer-nos sempre na nossa condição de pecado, atingindo-nos com o poder curador da graça divina e transformando o nosso coração e os nossos comportamentos com que nos exprimimos. Por isso, a Igreja jamais se cansa de nos propor a graça deste Sacramento durante a inteira caminhada da nossa vida: através dela é Jesus, verdadeiro médico celeste, que toma sobre Si os nossos pecados e nos acompanha, continuando a sua obra de cura e de salvação. Como acontece em todas as

PEREGRINOS



Vinde, exultemos...

Vinde, exultemos
de alegria no Senhor,
aclamemos a Deus,
nosso Salvador.

Vamos à sua presença
e dêmos graças,
ao som de cânticos
aclamemos o Senhor

ABRAÇO



A absolvição

Deus, Pai misericórdia,
que, pela morte
e ressurreição de seu Filho,
reconciliou o mundo consigo
e infundiu o Espírito Santo
para remissão dos pecados,
te conceda,
pelo ministério da Igreja,
o perdão e a paz.

E eu,
te absolvo dos teus pecados
em nome do Pai,
e do Filho
+ e do Espírito Santo.

histórias de amor, também a aliança com Deus deve renovar-se continuamente: a fidelidade é o compromisso sempre novo do coração que se oferece e acolhe o amor que lhe é oferecido, até ao dia em que Deus será tudo em todos.

5. As etapas do encontro com o perdão

Precisamente porque desejado por um Deus profundamente «humano», o encontro com a misericórdia que nos é oferecida por Jesus acontece através de várias etapas, que respeitam os tempos da vida e do coração. No começo há o acolhimento da boa nova, na qual nos alcança o apelo do Amado: «O tempo já se cumpriu e o reino de Deus está próximo; convertei-vos e acreditai na Boa Notícia» (Mc 1, 15). Através desta voz é o Espírito Santo que age em nós, enchendo-nos de doçura ao consentirmos e acreditarmos na Verdade. Quando nos tornamos dóceis a esta voz e decidimos responder de todo o coração Àquele que nos chama, iniciamos a caminhada que leva ao dom mais excelso, esse dom tão precioso que fazia dizer a São Paulo: «Em nome de Cristo, suplicamos: reconciliai-vos com Deus!» (2 Cor 5, 20). A **reconciliação** é precisamente o Sacramento do encontro com Cristo, que através o ministério da Igreja vem em socorro da fraqueza de quem atraíçou ou recusou a aliança com Deus, o reconcilia com o Pai e com a Igreja, o recria como criatura nova na força do Espírito Santo. Este Sacramento da **penitência**, porque nele se exprime a conversão do homem que se arrepende e invoca o perdão de Deus. O termo **confissão** - comumente utilizado - refere-se ao acto de confessar os pecados diante do Sacerdote, mas recorda também a tríplice confissão a fazer para viver em plenitude a celebração da reconciliação: a confissão de louvor («*confessio laudis*»), com a qual nos recordamos do amor divino que nos precede e nos acompanha, reconhecendo os seus sinais na nossa vida e compreendendo melhor, desse modo, a gravidade de nossa culpa; a confissão dos pecados, com a qual apresentamos ao Pai o nosso coração humilde e arrependido, reconhecendo os nossos pecados

(«*confessio peccati*»); a confissão de fé, finalmente, com a qual nos abrimos ao perdão que liberta e salva, oferecido com a absolvição («*confessio fidei*»). Por sua vez, os gestos e as palavras com as quais exprimiremos o dom que recebemos confessarão na vida as maravilhas operadas em nós pela misericórdia de Deus.

6. A festa do encontro

Na história da Igreja a penitência tem sido vivida numa grande variedade de formas, comunitárias e individuais, que todavia mantiveram a estrutura fundamental do encontro pessoal entre o pecador arrependido e o Deus vivo através da meditação do ministério do Bispo ou do Sacerdote. Através das palavras da absolvição, pronunciadas por um homem pecador, o qual todavia foi escolhido e consagrado para o ministério, é o próprio Cristo que acolhe o pecador arrependido e o reconcilia com o Pai, e no dom do Espírito Santo o renova como membro vivo da Igreja. Reconciliados com Deus, somos acolhidos na comunhão vivificante da Santíssima Trindade e recebemos em nós a vida nova da graça, o amor que só Deus pode infundir nos nossos corações: o Sacramento do perdão renova, deste modo, o nosso relacionamento com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo, em cujo nome nos é dada a absolvição das culpas. Como mostra a parábola do Pai e os dois filhos, o encontro da reconciliação culmina num banquete de iguarias deliciosas, no qual se participa com vestes novas, o anel e sandálias nos pés (Cf. Lc 15, 22s): são imagens que exprimem toda a alegria e a beleza do bom oferecido e recebido. Na verdade, e utilizando as as palavras do Pai na parábola, «era preciso festejar e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado» (Lc 15, 24). Como é belo pensar que esse filho pode ser cada um de nós!

7. A volta à casa do Pai

Em relação a Deus Pai, a penitência apresenta-se como um «regresso a casa» (é este propriamente o sentido da palavra «teshuvá», que o hebraico

emprega para dizer «conversão»). Mediante a tomada de consciência de nossas culpas, reparamos que vivemos no exílio, longe da pátria do amor: sentimos desconforto, dor, porque compreendemos que a culpa é uma ruptura da aliança com o Deus, uma recusa do seu amor, é «amor não amado», e assim é também fonte de alienação, porque o pecado desenraíza-nos da nossa verdadeira morada, o coração do Pai. É então que é necessário recordar-nos da casa onde somos esperados: sem esta memória do amor não poderíamos jamais ter a confiança e a esperança necessárias para tomar a decisão de voltar a Deus. Com a humildade de quem sabe que não é digno de ser chamado «filho», podemos decidir-nos a ir bater à porta da casa do Pai: que surpresa descobrir que Ele está à janela a perscrutar o horizonte, porque há muito tempo que espera o nosso regresso! Às nossas mãos estendidas, ao coração humilde e arrependido responde a oferta gratuita do perdão, com o qual o Pai nos reconcilia consigo, «convertendo-se» de algum modo a nós. «Quando ainda estava longe, o Pai avistou-o e teve compaixão. Correu ao seu encontro, abraçou-o e cobriu-o de beijos» (Lc 15, 20). Com uma ternura

extraordinária Deus introduz-nos sempre de modo na condição de filhos, oferecida pela aliança estabelecida em Jesus.

8. O encontro com Cristo, morte e ressuscitado por nós

Em relação ao Filho, o Sacramento da Reconciliação oferece-nos a alegria do encontro com Ele, o **Senhor crucificado e ressuscitado**, que através da sua Páscoa nos dá a vida nova, infundindo o seu Espírito nos nossos corações. Este encontro realiza-se através do itinerário que leva cada um de nós a confessar nossas culpas e a receber, com gratidão cheia de espanto, o perdão. Unidos a Jesus Cristo na sua morte, morremos para o pecado e para o homem velho que nele triunfara. O seu Sangue, derramado por nós reconcilia-nos com Deus e com o próximo, derrubando o muro da inimizade que nos mantinha prisioneiros da nossa solidão sem esperança e sem amor. A força da sua Ressurreição alcança-nos e transforma-nos: Jesus Ressuscitado toca-nos o coração, fá-lo arder em nós com uma fé nova que nos abre os olhos e nos torna

ENCONTRO



O Senhor é meu pastor

O Senhor é meu pastor:
nada me falta.
Enche o meu coração
de alegria.

Com Ele a meu lado
vou sem medo,
pois ninguém
me fará mal.

O meu pastor
anda sempre comigo,
e eu gosto de morar
na sua casa



Caminhar...
sem desanimar.

VIDA NOVA



Pai Nosso,
que estais nos céus
santificado seja o Vosso nome,
venha a nós o vosso reino,
seja feita a Vossa vontade
assim na Terra como no Céu.

O pão nosso de cada dia
nos dai hoje,
perdoai-nos as nossas ofensas
assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido
e não nos deixeis
cair em tentação,
mas livrai-nos do mal.

capazes de O reconhecer junto de nós e a sua voz em quem precisa de nós. Toda a nossa vida de pecadores, unida a Cristo crucificado e ressuscitado, oferece-se à misericórdia de Deus para ser curada da angústia, libertada do peso da culpa, confirmada nos dons de Deus e renovada no poder de seu amor vitorioso. Libertados pelo Senhor Jesus, somos chamados a viver como Ele libertos do medo, da culpa e das seduções do mal, para realizarmos obras de verdade, de justiça e de paz.

9. A vida nova do Espírito

Graças ao dom do Espírito que infunde em nós o amor de Deus (Cf. Rm 5, 5), o Sacramento da Reconciliação é **fonte de vida nova**, comunhão com Deus e com a Igreja, da qual o Espírito é a alma e a forma de coesão. É o Espírito que impele o pecador perdoado a exprimir na vida a paz recebida, aceitando antes de mais as consequências do pecado cometido, ou seja, a dita «pena», que é como que o efeito da doença representada pelo pecado e é considerada como uma ferida a sarar com o óleo da graça e da paciência do amor que devemos ter para connosco mesmos. O Espírito, depois, ajuda-nos a amadurecer o propósito firme de vivermos uma caminhada de conversão feita de propósitos concretos de caridade e de oração: o sinal penitencial escolhido pelo confessor serve precisamente para exprimir essa opção. A vida nova, para a qual renascemos, pode demonstrar, mais do que outra coisa qualquer, a beleza e a força do perdão sempre invocado e recebido («perdão» quer dizer precisamente dom renovado: perdoar é doar sem fim). Pergunto por isso:

porquê não aproveitar um dom tão grande? Aproximai-vos da Confissão com coração humilde e contrito e vivei-a com fé: ela mudará a vossa vida e dará paz ao vosso coração. Então os vossos olhos se abrirão para reconhecer os sinais da beleza de Deus presentes na Criação e na História e brotará da vossa alma o cântico de louvor. E também a ti, sacerdote que me lê e como eu és ministro do perdão, gostaria de dirigir um pedido que me vem do coração:

procura estar sempre pronto - a tempo e fora de tempo - a anunciar a todos a misericórdia e a dar, a quem to pede, o perdão de que precisa para viver e para morrer. Para essa pessoa pode tratar-se da hora de Deus na sua vida!

10. Reconciliemo-nos com Deus!

O convite do Apóstolo Paulo torna-se, assim, também no meu: exprimo-o servindo-me das duas palavras de duas pessoas diferentes. As primeiras são as de Friedrich Nietzsche, que nos anos da sua juventude escreveu estas palavras apaixonadas, sinal da necessidade da misericórdia divina que todos trazemos connosco: «Mais uma vez, antes de partir e de dirigir o meu olhar para o alto, ficando sozinho, elevo as minhas mãos para Vós, junto de Vós me refugio, a quem do profundo do coração consagrei alteras, para que em cada momento a vossa voz volte a chamar-me...

Quero conhecer-Vos, o Desconhecido, que penetrais em profundidade na minha alma e como uma tempestade sacudis minha vida, inalcançável e tão próximo de mim! Quero conhecer-Vos, e até servir-Vos» (*«Escritos juvenis» I, 1, Milão 1998*). A outra voz é a que é atribuída a São Francisco de Assis, que exprime a verdade de uma vida renovada pela graça do perdão: «Senhor, fazei de mim um instrumento da vossa paz. Onde há ódio, que eu leve o Amor. Onde há ofensa, que eu leve o Perdão. Onde há discórdia, que eu leve a União. Que onde haja dúvida, eu leve a Fé. Onde há erro, que eu leve a Verdade. Onde há desespero, que eu leve a Esperança. Onde haja tristeza, que eu leve a Alegria. Onde há trevas, que eu leve a Luz. Ó Mestre, fazei que eu procure menos ser consolado, do que consolar; ser compreendido do que compreender; ser amado do que amar». São estes os frutos da reconciliação, invocada e acolhida por Deus, que desejo a todos vós que me ledes. Com este augúrio, que se torna oração, abraço-vos e abençoo-vos um a um.

+ Bruno Forte, vosso pai na fé
(Arcebispo Metropolitano de Chieti-Vasto - Itália)

PARA O EXAME DE CONSCIÊNCIA

Prepara-te para a Confissão, se possível regular e frequentemente, num clima de oração, respondendo a estas perguntas sob o olhar de Deus, eventualmente com a orientação de quem te possa ajudar a caminhar mais expeditamente nos caminhos do Senhor.

1. «**Não tenhas outros deuses além de Mim**» (Dt 5,7). «**Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda tua alma, com todo o teu entendimento**» (Mt 22, 37). É assim que amo a Deus? Reservo-Lhe o primeiro lugar na minha vida? Esforço-me por recusar todos os ídolos que possam interpor-se entre mim e Ele, sejam eles o dinheiro, o prazer, a superstição ou o poder? Escuto com fé a sua Palavra? Sou perseverante na oração?
2. «**Não pronuncies em vão o Nome de Deus**» (Dt 5, 11). Respeito o santo Nome de Deus? Abuso da referência a Ele, para ofendê-Lo ou para servir-me d'Ele em lugar de O servir? Bendigo a Deus em todas as minhas acções? Entrego-me sem reservas à sua vontade a meu respeito, confiando totalmente n'Ele? Acredito com humildade e confiança na orientação e no ensinamento dos Pastores que o Senhor deu à sua Igreja? Empenho-me em aprofundar e alimentar a minha vida de fé?
3. «**Lembra-te de santificar os dias festivos**» (cf. Dt 5, 12-15). Vivo o espírito do Domingo, a começar pelo seu momento principal que é a celebração da Eucaristia, e os outros dias santificados, para louvar o Senhor e dar-Lhe graças, para me entregar a Ele e repousar n'Ele? Participo com fidelidade e empenho na liturgia festiva, preparando-me a ela com a oração e esforçando-me por tirar dela fruto para toda a semana? Santifico o dia festivo com algum gesto de caridade para com alguém necessitado?
4. «**Honra teu pai e tua mãe**» (Dt 5, 16). Amo e respeito aqueles que me deram a vida? Esforço-me por compreendê-los e ajudá-los, sobretudo nas suas fraquezas e limites?
5. «**Não mates**» (Dt 5, 17). Esforço-me por respeitar e promover a vida em todas as suas fases e em todos os seus aspectos? Faço tudo o que posso para o bem dos outros? Ofendi alguém com a intenção explícita de o fazer? «Amarás o teu próximo como a ti mesmo» (Mt 22, 39). Como vivo a caridade para com o próximo? Estou atento e disponível sobretudo para com os mais pobres e os mais fracos? Amo-me a mim mesmo sabendo aceitar meus limites sob o olhar de Deus?
6. «**Não cometerás actos impuros**» (cf. Dt 5, 18). «Não cobiçes a mulher do teu próximo» (Dt 5, 21). Sou casto nos pensamentos e nas acções? Esforço-me por amar com gratuidade, livre da tentação de possuir e do ciúme? Respeito sempre e em tudo a dignidade da pessoa humana? Trato o meu corpo e o corpo dos outros como templo do Espírito Santo
7. «**Não roubes**» (Dt 5, 19). «Não cobiçes coisa alguma que pertença ao teu próximo» (Dt 5, 21). Respeito os bens da Criação? Sou honesto no trabalho e no relacionamento com os outros? Sou invejoso dos bens



Arrependimento:

Significa afastar-se do mal e dispor-se decididamente a um novo começo. Quando falamos do sacramento da Penitência, insistimos em que o pecador tem a firme vontade de reparar a sua culpa. Falamos de confissão quando se trata da confissão individual dos pecados; costumamos dizer também sacramento da Reconciliação.

Perdão:

"A confissão individual e integral dos pecados graves, seguida da absolvição, continua a ser o único meio ordinário para a reconciliação com Deus e com a Igreja" (Catecismo da Igreja Católica 1497).

Pecado:

"Os pecados devem ser julgados segundo a sua gravidade. Já perceptível na Escritura, a distinção entre pecado mortal e pecado venial, impôs-se na tradição da Igreja. A experiência dos homens corrobora-a" (Catecismo da Igreja Católica 1854). "Para que um pecado seja mortal, requerem-se, em simultâneo, três condições: 'É pecado mortal o que tem por objecto uma matéria grave, é cometido com plena consciência e de propósito deliberado' (Reconciliatio et poenitentia 17)" (Catecismo da Igreja Católica 1857). "Comete-se um pecado venial quando, em matéria leve, não se observa a medida prescrita pela lei moral ou quando, em matéria grave, se desobedece à lei moral, mas sem pleno conhecimento ou sem total consentimento" (Catecismo da Igreja Católica 1862). (Catecismo da Igreja Católica 1857).

LIBERDADE PARA VIVER UM NOVO CAMINHO



dos outros? Esforço-me por tornar os outros felizes ou penso unicamente na minha felicidade

8. «**Não dês falso testemunho**» (Dt 5, 20). Sou sincero e leal em todas as minhas palavras e acções? Digo sempre e só a verdade? Procuro incutir confiança e actuo de forma a merecê-la?
9. Esforço-me por seguir Jesus no caminho da oferta de mim mesmo a Deus e ao próximo? Procuro ser, como Ele, humilde, pobre e casto?
10. Encontro-me com o Senhor fielmente nos Sacramentos, na comunhão fraterna e no serviço aos mais pobres? Vivo a esperança na vida eterna, vendo todas as coisas à luz do Deus que vem e confiando sempre nas suas promessas?



Paróquia do Senhor da Vera Cruz do Candal

Apartado 2783 - 4400-601 Vila Nova de Gaia

Telefone: 223 772 040 - Fax: 223 772 041 - Telemóvel: 939 013 287

E-mail: geral@paroquiacandal.org.pt - www: paroquiacandal.org

Salmo 103 (102)

HINO AO DEUS DE AMOR

(Sir 18,8-14)

Este salmo tem o espírito e a ressonância de um hino em honra de Deus, além de um estilo muito pessoal e íntimo. O actual texto pode ter nascido de um salmo de acção de graças individual. De facto, este salmo representa um hino de louvor a Deus pelo seu amor eterno e cuidadoso, um verdadeiro "Te Deum" do AT.

¹ De David.

Bendiz, ó minha alma, o SENHOR,
e todo o meu ser louve o seu nome santo.

² Bendiz, ó minha alma, o SENHOR,
e não esqueças nenhum dos seus benefícios.

³ É Ele quem perdoa as tuas culpas
e cura todas as tuas enfermidades.

⁴ É Ele quem resgata a tua vida do túmulo
e te enche de graça e de ternura.

⁵ É Ele quem cumula de bens a tua existência
e te rejuvenesce como a águia.

⁶ O SENHOR defende, com justiça,
o direito de todos os oprimidos.

⁷ Revelou os seus caminhos a Moisés
e as suas maravilhas aos filhos de Israel.

⁸ O SENHOR é misericordioso e compassivo,
é paciente e cheio de amor.

⁹ Não está sempre a repreender-nos,
nem a sua ira dura para sempre.

¹⁰ Não nos tratou segundo os nossos pecados,
nem nos castigou segundo as nossas culpas.

¹¹ Como é grande a distância dos céus à terra,
assim são grandes os seus favores
para os que o temem.

¹² Como o Oriente está afastado do Ocidente,
assim Ele afasta de nós os nossos pecados.

¹³ Como um pai se compadece dos filhos,
assim o SENHOR se compadece
dos que o temem.

¹⁴ Na verdade, Ele sabe de que somos formados;
não se esquece de que somos pó da terra.

¹⁵ Os dias dos seres humanos são como a erva:
brota como a flor do campo,

¹⁶ mas, quando sopra o vento sobre ela,
deixa de existir e não se conhece mais
o seu lugar.

¹⁷ Mas o amor do SENHOR é eterno
para os que o temem
e a sua justiça chega até aos filhos
dos seus filhos,

¹⁸ para os que guardam a sua aliança
e se lembram de cumprir os seus preceitos.

¹⁹ O SENHOR estabeleceu nos céus o seu trono
e o seu reino estende-se a tudo o que existe.

²⁰ Bendizei o SENHOR, todos os seus anjos,
poderosos mensageiros,
que cumpris as suas ordens,
sempre dóceis à sua palavra.

²¹ Bendizei o SENHOR,
todo o seu exército de astros,
que sois seus servos
e executores da sua vontade.

²² Bendizei o SENHOR, todas as suas obras,
em todos os lugares do seu domínio.

Bendiz, ó minha alma, o SENHOR!